

# A TRANSFORMAÇÃO PASSIVA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM, EM CRIANÇAS DE 4, 6, 8 e 10 ANOS DE IDADE

MARIA ALBERTINA CAPA \*

## INTRODUÇÃO

A linguagem está em toda a parte. Compreendê-la parece ser uma das necessidades do ser humano, não só pelo facto de marcar o nosso pensamento mas, pelo papel que desempenha nas relações interpessoais.

Um conhecimento mais aprofundado sobre a característica humana -- a LINGUAGEM -- torna-se imprescindível, tanto mais se tivermos em linha de conta que a sua compreensão interfere, directa ou indirectamente, noutras disciplinas, desempenhando um papel muito importante na PSICOLOGIA.

O enfoque atrás referido é motivado pelo facto da linguagem ser entendida como um fenómeno que

tem, em si mesmo, uma grande parte mental. Desta actividade mental salienta-se, como exemplo, a formação de conceitos. A estruturação das línguas poderá ser um outro aspecto a considerar se se tiver em linha de conta que o sujeito, ao longo do seu desenvolvimento, aprende a identificar a usar essas mesmas estruturas. Pelas razões apresentadas, a nossa atenção centrou-se na TRANSFORMAÇÃO PASSIVA, no contexto do desenvolvimento da linguagem, de 4, 6, 8 e 10 anos, incidindo basicamente na compreensão da forma como as crianças alcançam o domínio dos aspectos sintácticos relacionados com os papéis de *Agente* e *Paciente*, nestas estruturas, ou seja, o tipo de relações entre os participantes. Implícito nesta análise encontra-se o estudo das Estratégias Psicológicas utilizando-se, simultaneamente, as

---

\* Psicóloga Educacional

etapas da evolução subjacente a um domínio completo da própria língua.

## COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

Em termos de aquisição da linguagem há dois marcos significativos. Estendem-se desde:

- o nascimento até aos 5 anos
- os 5 anos até à puberdade.

Normalmente, aos 5 anos as crianças dominam todas as regras linguísticas. Quanto às componentes do sistema linguístico pensou-se, até à década de 60, que as crianças dominavam a estrutura frásica como os adultos. Na realidade, tal facto não acontece dado que elas utilizam estruturas frásicas simples. Apensar dos aspectos fonético-fonológicos e semântico serem, constantemente, enriquecidos é, no entanto, aos 12 anos que as regras morfosintácticas estão dominadas.

Os resultados obtidos sobre a TRANSFORMAÇÃO PASSIVA têm demonstrado ser esta uma estrutura muito mais complexa do que a estrutura activa. Segundo Fraser, Bellugi, e Brown (1963, citado por Elliot, 1981) propôs-se, usando argumentos da gramática transformacional, que as frases passivas seriam mais difíceis, para as crianças, do que as activas.

Na obra "*Psycholinguistique de l'enfant*" (1983), dá-se conta de expe-

riências realizadas por Sinclair e Ferreira (1970) sobre o estudo genético da **compreensão, produção e imitação** das fases no modo passivo, com crianças de origem francesa. De entre as conclusões a que chegaram parece que, em sujeitos de determinadas idades, as frases passivas lhes colocam problemas de compreensão relacionados, especialmente, com alguns verbos de acção.

Slobin (1966); Bellin e Spontak (1969); Bever (1970), (op. cit.) realçaram a importância não só **tipo de verbo** como também do **grau de reversibilidade do acontecimento**. Esta noção, introduzida por Slobin desde 1966, pode ser tida em conta pela criança, quando esta confrontada com uma frase do tipo passivo, adopta um dos três tipos de estratégias propostas por Bronckart, Sinclair e Papandropoulon:

- estratégia pragmática
- estratégia posicional
- estratégia morfosintáctica.

O nosso objectivo, ao abordarmos a problemática da TRANSFORMAÇÃO PASSIVA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM, em crianças de 4, 6, 8 e 10 anos de idade, foi analisar e compreender:

- o desempenho dos sujeitos das idades referidas, quando colocados a tarefa de compreensão de enun-

ciados de tipo activo e passivo, no que concerne:

- à estrutura das frases
  - ao tipo de verbos utilizados
  - ao grau de reversibilidade do acontecimento expresso;
- o(s) procedimento(s) adoptado(s) pelas crianças de 4, 6, 8 e 10 anos, para compreensão das relações fundamentais de agente e paciente expressas em enunciados simples cujas estruturas se apresentam sob as formas activas e passiva.

## AMOSTRA

A amostra foi constituída pelos produtos de cem crianças, de ambos sexos, repartidas equitativamente pelo grupos etários dos 4, 6, 8 e 10 anos (médias das idades: 4,2 A; 6,4 A 8,3 A 10,1 A, respectivamente).

Todas as crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico frequentavam a mesma escola do Ensino Regular que, pela sua situação geográfica, atente uma população bastante heterogénea do ponto de vista sócio-económico-cultural.

Algumas das crianças frequentavam o Jardim de Infância oficial localizado num espaço físico contíguo ao estabelecimento atrás mencionado. Outras crianças foram seleccionadas

num outro estabelecimento de Ensino pré-primário, também de cariz oficial.

Para além da variável idade, tivemos ainda em atenção uma outra relacionada com o domínio da Língua Materna por existirem, na escola, alunos cabo verdianos, de etnia cigana e deficientes auditivos.

## PROCEDIMENTO

De entre os três vectores estudados nas investigação conducentes ao estudo do desenvolvimento da linguagem: **compreensão, produção e imitação**, centrámos a nossa atenção no primeiro.

Tal como Bronckart (1977-78); Cambom e Sinclair (1974); Kail e Segui (1978); Noizet (1977); Segui e Léveille (1977); Sinclair e Ferreiro (1979) (citado por Bronckart, 1983) que têm conduzido experiências através do método de compreensão, tivemos como princípio pedir às crianças que mimassem, com brinquedos, os acontecimentos por nós relatados.

## FASES DE IMPLEMENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência desenrolou-se em duas fases distintas. Num **primeiro momento**, o pré-teste, recolhemos dados sobre:

- a adequabilidade do material construído, face ao objectivo do trabalho;
- o nível de desenvolvimento linguístico das criança, concretamente, a capacidade de associação de um rótulo lexical a um determinado objecto integrado num conjunto de objectos;
- o conhecimento dos conteúdos semânticos expressos pelos verbos;
- a ordem de apresentação dos enunciados;
- a duração de apresentação dos enunciados;
- a duração provável da experiência, com cada sujeito;
- o interesse manifestado pelos intervenientes na resolução das situações apresentadas.

Num segundo momento, após as reformulações consideradas pertinentes e decorrentes da análise dos produtos obtidos no momento anterior, desenvolvemos o nosso estudo. Este baseou-se num conjunto de trinta enunciados de natureza reversível e não reversível: quinze deles na forma activa e os restantes quinze na forma passiva correspondente à activa. Os verbos contemplados foram: EMPURRAR, PARTIR, LAVAR e SEGUIR.

Após a manipulação e identificação do material físico, o mesmo foi colocado, em desordem, sobre a mesa e passou-se à fase introdutória da situação experimental que consis-

tiu na apresentação da seguinte "consigne": *"Vou contar-te uma história. Vais escutá-la com atenção e farás com os brinquedos, exactamente, o que diz a história"*. De imediato apresentámos três itens introdutórios devendo a criança seleccionar os brinquedos necessários e realizar a acção. Posto isto, passou-se à apresentação dos enunciados experimentais. No final de cada acção minada, os sujeitos eram questionados através das questões:

- Quem faz o quê? (ex: Quem empurra?)
- A quem? (ex: Quem é empurrado?).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Baseando-se, em parte, nos procedimentos adoptados na análise dos resultados obtidos, na primeira investigação importante sobre a compreensão de frases de estrutura passiva conduzido por Sinclair e Ferreiro (citado por Bronckart e al., 1983) centrámos, primeiramente, as nossas atenções nas acções desenvolvidas pelos sujeitos e distinguimos as seguintes categorias:

- ACÇÕES CORRECTAS - quando as mesmas correspondem ao sentido do enunciado;

- ACÇÕES INVERSAS - trata-se de acções incorrectas, ou seja, o sujeito atribui o papel de agente ao paciente e vice-versa;
- ACÇÕES MARGINAIS - que se subdividem em:

- Não executada - o sujeito agarra ou aponta um ou vários objectos sem que realize a acção;
- X-agente - o sujeito torna-se um dos protagonistas da acção, desempenhando o papel de agente.

Ao analisarmos o quadro nº 1,

constatamos que os desempenhos correctos dos sujeitos se tornam, gradualmente, mais significativos nos enunciados que se apresentam sob a forma activa, à medida que a idade avança. Aos 4 anos o sucesso ronda os 66,67% e aos 10 anos culmina nos 97,6%. No entanto, em termos percentuais, o salto mais relevante situa-se nos desempenhos dos sujeitos pertencentes aos grupos etários dos 4 e 6 anos com 66,67% e 92,8%, respectivamente. Nas restantes faixas etárias, as diferenças verificadas, em termos comparativos, são pouco relevantes.

Estrutura Acção Idade	ACTIVA					PASSIVA				
	Correcta	Inversa	MARGINAL		TOTAL	Correcta	Inversa	MARGINAL		TOTAL
			N.Execut.	X.Agente				N.Execut.	X.Agente	
4 anos	250 66,67%	64 17,07%	53 14,13%	8 2,13%	375 100%	227 60,53%	99 26,4%	47 12,53%	2 0,53%	375 100%
6 anos	348 92,8%	18 4,8%	6 1,6%	3 0,8%	375 100%	307 81,87%	58 15,47%	8 2,13%	2 0,53%	375 100%
8 anos	361 96,27%	10 2,67%	4 1,07%		375 100%	350 93,33%	24 6,4%	1 0,27%		366 100%
10 anos	366 97,6%	9 2,4%			375 100%	353 94,13%	21 5,6%	1 0,27%		375 100%
TOTAL	1325 88,33%	101 6,74%	63 4,2%	11 0,72%	1500 100%	1237 82,47%	202 13,47%	57 3,8%	4 0,27%	1500 100%

Quadro nº 1: Total dos desempenhos dos sujeitos, tendo em atenção a natureza da acção, a estrutura do enunciado e a faixa etária

Relativamente aos enunciados de **estrutura passiva** também se constata que os desempenhos se tronam mais significativos, à medida que as idades avançam. tal como sucede nos enunciados de estrutura activa, é na transição dos 4 para os 6 anos que se assiste ao aumento mais notório, em termos percentuais (60,53% para 81,87%). Relativamente aos saltos qualitativos, as diferenças encontradas nos desempenhos dos sujeitos de 6 e 8 anos são também significativas, o que não acontece na transição dos 8 para os 10 anos. face aos valores percentuais obtidos nas diferentes idades, no que concerne às frases activas e passivas conclui-se que, por um lado, existe uma progressão gradual na compreensão das frases activas e passivas, à medida que a idade avança e, por outro lado, as frases activas apresentam um grau de dificuldade menor do que as passivas correspondentes.

Um outro factor que contribui para se argumentar a existência de um grau de dificuldade superior das frases passivas está relacionado com os valores percentuais obtidos no conjunto dos enunciados e no âmbito da totalidade dos desempenhos dos sujeitos (88,33% para os enunciados activos e 82,47% para as frases passivas). Os desempenhos de natureza inversa vêm de encontro ao atrás enunciado, uma vez que são mais significativos do que os obtidos nas

frases de estrutura activa (13,47% e 6,73%, respectivamente).

De entre os padrões verbais utilizados (EMPURRAR, LAVAR, PARTIR e SEGUIR), o verbo **seguir** afasta-se dos restantes qualquer que seja a faixa etária, bem como o tipo de estrutura dos acontecimentos expressos.

Apesar das dificuldades sentidas pelos sujeitos de todos os escalões etários, na acção de mimar os enunciados expressos pelo verbo **seguir**, os desempenhos daqueles vão aumentando com a idade, em ambas as estruturas, conquanto seja este o tipo de verbo que, na faixa etária dos 10 anos, fica um pouco mais aquém do sucesso total (96% contra 97%, 99% e 100% para os verbos empurrar, lavar e partir, respectivamente, em termos de frases activas e 90,4% contra 96%, 94% e 100% no que se refere às frases passivas).

Perante os resultados obtidos e considerando o posicionamento dos padrões verbais em relação uns aos outros, conclui-se que o grau de complexidade dos diferentes tipos de verbos usados não é igual. Falaremos, então, de verbos que expressam acções que são mais facilmente compreendidas pelos sujeitos e de outros enunciados por si expressos que oferecem um grau de complexidade que inviabiliza, com alguma frequência, a compreensão dessas frases.

O grau de reversibilidade do

acontecimento expresso não pode ser percebido de forma neutra (quadro nº 2). Nas frases activas, os desempenhos dos sujeitos são superiores quando se trata de enunciados cujo grau de reversibilidade é considerado não reversível (97,86% nos enunciados não reversíveis e 80% nos enunciados reversíveis). Os comportamentos dos sujeitos, perante enun-

ciados de estrutura passiva não são diferentes (94,7% e 71,75% para os enunciados considerados não reversíveis e reversíveis, respectivamente). Perante os resultados verificados, concluímos que as frases não reversíveis são melhor compreendidas do que as consideradas reversíveis.

Estrutura Grau de Rev. do Enunc.	Activa	Total Possível	Passiva	Total Possível
Reversível	640 80%	800	574 71,75%	800
Não Reversível	685 97,86%	700	663 94,71%	700
Total	1325 88,33%	1500	1237 82,47%	1500

Quadro nº 2: % total dos desempenhos correctos dos sujeitos, tendo em atenção o grau de reversibilidade do acontecimento e o tipo de frase.

Quanto ao tipo de estratégias utilizadas pela população em estudo, na tarefa de compreensão dos enunciados, é suposto que os sujeitos, desde os 4 anos, têm em atenção a **ordem das palavras**, na distribuição dos papéis de agente e paciente, independentemente das frases serem activas ou passivas. Dado que os resultados obtidos aumentam gradualmente com o avanço das idades, pensa-

mos existir também um maior domínio da língua materna - domínio que se encontra relacionado com as estratégias de tratamento dos enunciados. As frases de estrutura passiva oferecem um maior grau de dificuldade aos sujeitos, em termos da atribuição dos papéis de agente e paciente, do que os enunciados activos. Este facto leva-nos a deduzir que a ordem das palavras desempenha

um papel importante, na atribuição desses papéis, nas idades mais precoces.

À medida que a idade avança, as crianças têm em atenção a tomada de outros índices que não apenas os posicionais. Índices morfosintácticos são tidos em consideração e, por volta

do 8 anos, no que concerne às frases activas, os sujeitos são capazes de reflectir sobre a língua, embora a sua estrutura não esteja completamente adquirida (dado que as confusões apresentadas, em termos de atribuição de papéis, nas frases passivas, são ainda acentuadas).

IDADE	ACÇÃO	RESPOSTAS			TOTAL DE RESPOSTAS	TOTAL DE ACCÕES
		Correcta	Inversa	Marginal	Correcta + Inversa + Marginal	Correcta + Inversa
4 anos	Correcta	219	14	17	250	314
	250 79,62%	69,75%	4,46%	5,41%	79,62%	
	Inversa	15	33	16	64	
	64 20,38%	4,78%	10,51%	5,1%	20,38%	100%
6 anos	Correcta	327	10	11	348	366
	348 95,08%	89,34%	2,73%	3,01%	95,08%	
	Inversa		16	2	18	
	18 4,92%		4,37%	0,55%	4,92%	100%
8 anos	Correcta	335	8	18	361	371
	361 97,30%	90,30%	2,16%	4,85%	97,30%	
	Inversa	6	4		10	
	10 2,73%	1,62%	1,08%		2,70%	100%
10 anos	Correcta	364		2	366	371
	366 97,60%	97,07%		0,53%	97,60%	
	Inversa	6	2	1	9	
	9 2,40%	1,6%	0,55%	0,27%	2,4%	100%

Quadro nº3: % de acções mimadas correcta e inversamente e % de respostas dadas às questões colocadas para cada tipo de desempenho (frases activas).



Pela leitura do quadro nº3, verifica-se que outras variáveis devem ser tidas em atenção aquando do estudo da problemática atrás referida. Tanto nas frases activas como nas passivas, os desempenhos dos sujeitos na ACÇÃO DE MIMAR são mais relevantes, em todas as faixas etárias do que quando lhes são colocadas as questões: Quem faz a acção?/Quem sofre a acção?

Em relação às acções realizadas inversamente existe uma constância que se traduz no seguinte: o número de acções realizadas inversamente é superior ao número de respostas dadas inversamente.

Será então de referir que:

- no global, as questões parecem dificultar os desempenhos dos sujeitos;
- à medida que se caminha para o topo dos escalões etários, a questão colocada, relativamente às acções inversas, parece facilitar as respostas dos sujeitos.

A diferença nos comportamentos dos sujeitos leva-nos às seguintes reflexões:

- Será que os sujeitos, em todas as idades, se apercebem da dificuldade das frases?
- Será que, em idades mais avançadas, a questão colocada intervém no sentido de uma reflexão sobre a língua?

- Como funcionarão os sujeitos, em termos de metacognição?

No geral, parece-nos que, em idades mais precoces, as crianças estão a adquirir competências para analisar as frases do ponto de vista da sintaxe. Isto conduz à obtenção de resultados inferiores. A "homogeneidade" verificada na transição dos 6 para os 8 anos e desta faixa etária para a seguinte, nas frases activas, deverá estar relacionada com o facto de a partir dos 7/8 anos a criança adquirir competências para operar com as estruturas sintácticas da frase.

As dificuldades sentidas na compreensão dos enunciados de estrutura activa bem como nos de estrutura passiva, dependem de dois factores relacionados com o grau de reversibilidade do acontecimento expresso e do tipo de verbo.

As diferenças registadas nos desempenhos dos sujeitos, quando colocados perante enunciados considerados não reversíveis e acontecimentos reversíveis, são notórias, independentemente do tipo de estrutura. Isto, porque nas frase não reversíveis as limitações semânticas são de tal ordem que a frase alternativa não é aceitável ou é improvável. Nos enunciados considerados reversíveis, as restrições semânticas são fracas, o que conduz à maior dificuldade de compreensão dos enunciados que são aceitáveis mesmo que haja a permutação dos papéis de agente e paciente.

O sujeito compreenderá a frase se for detentor dos conhecimentos das regras da sua língua.

O tipo de verbo influencia o comportamento linguístico dos sujeitos. O verbo seguir oferece um grau de dificuldade superior, em termos de compreensão, comparativamente aos verbos utilizados neste estudo.

As estratégias utilizadas no tratamento dos enunciados distribuem-se, essencialmente, pelas posicionais e morfosintacticas. Estas últimas são mais utilizadas pelos sujeitos de 8 a 10 anos no tratamento das frases activas e aos 10 anos, em relação às frases passivas.

As estratégias posicionais estão na origem das respostas consideradas inversas, nas frases passivas. Tal facto está relacionado com a atribuição do estatuto de agente ao 1º nome da frase e de paciente ao 2º.

Os desempenhos menos significativos dos sujeitos quando colocados perante as questões: Quem faz a acção? Quem sofre a acção?, leva-nos a reflectir sobre a importância que o factor linguagem poderá ter nas respostas dadas pelas crianças, recordando-nos os resultados obtidos nas provas operatórias, nomeadamente nas de inclusão de classes, nas quais os factores linguísticos podiam facilitar a tarefa, segundo Bernejo, 1985; Donaldson; McGarrigle, 1986; Wilkinson, 1976; Kalie, 1974; Lovell e al., 1962; Voelin, 1976; Meadows, 1977 (citado por Matta e Ramos, 1987).

## CONCLUSÕES E REFLEXÕES NUMA PERSPECTIVA PSICO- EDUCACIONAL

Se os aspectos sintácticos desempenham um papel importante, em termos de compreensão de um enunciado, a parte relacionada com a semântica da língua não é de desprezar. Quando, em termos do conteúdo semântico, os verbos encerram, em si mesmos, explicitações ajustadas ao desenvolvimento linguístico dos sujeitos, estes apresentam melhores resultados, assistindo-se ao reverso da situação sempre que o conteúdo semântico é do seu desconhecimento. Vemos, assim quão importante é a aquisição do vocabulário, bem como dos factores psicolinguísticos que constituem uma parte concernante aos problemas de aprendizagem da língua mãe.

O desenvolvimento semântico da criança mostra a importância de COMO e PORQUÊ aquela aprende significados, por uma lado, e, por outro lado, realça a pertinência de uma centração sócio-linguística, por forma a que o sujeito adquira os dispositivos linguísticos necessários.

Há aspectos semelhantes nos indivíduos da mesma faixa etária, mas diferentes entre os pares dos vários grupos etários. As tarefas propostas são melhor compreendidas à medida que a idade avança devido, provavelmente, a uma grande varie-

dade de factores: conhecimento da língua materna, melhor adaptação à situação experimental e aos progressos ao nível do pensamento que se torna menos fluido.

Pesquisas, não muito longínquas, conduzidas ao nível da teoria da aprendizagem social mostraram não ser possível alterar a gramática das crianças pequenas no que diz respeito ao uso da voz passiva e de determinadas preposições através de modelagens verbais. No entanto, os desempenhos tornaram-se mais significativos quando a técnica utilizada se baseou na modelagem verbal, associada à situação de reforço, segundo Bandura e al. (1966, citado por Mousen e al. 1977).

Na actualidade, saber **quando** e **como** se compreende uma frase é um problema que se coloca à psicologia experimental. Diversos factores estão implícitos na compreensão dos enunciados e questões como a semântica e a sintaxe não podem ser descuidadas, pelo que os educadores se devem preocupar com a aquisição de determinados conceitos que têm implícitos rótulos lexicais adequados que se interpenetram com outras palavras de função que organizam os conceitos em estruturas sintácticas adequadas.

Se, por volta dos 12 anos, os sujeitos apresentam uma competência linguística compatível com a dos adultos, sendo aquela faixa etária determinante no processo de desenvolvi-

mento da linguagem, nada melhor do que incentivar-se, precocemente, o diálogo entre pares. O adulto desempenhará o papel de mediador, no sentido de implementar estratégias conducentes à reflexão sobre a língua, para que se possa aceder à actividade metalinguística que deverá constituir a etapa principal no processo de desenvolvimento da linguagem.

Dado que as crianças de 4 anos, nas tarefas que incluíram as frases activa e passiva, obtiveram resultados significativos (66,67% e 60,53%, respectivamente), será importante tentar compreender a competência linguística das crianças, em idades inferiores.

Tendo presente os comportamentos dos sujeitos quando questionados oralmente sobre a acção realizada, parece oportuno aprofundar-se a importância do papel desempenhado pelas memórias de curto e longo termo que, directa ou indirectamente, poderão afectar os aspectos linguísticos.

## BIBLIOGRAFIA

AMY, Gerard, "Étude génétique de la compréhension des phrases relatives", in BRONCKART J. Paul; KAIL, Michèle; NOIZET, Georges (Org.), *Psycholinguistique de l'Enfant - Recherches sur l'Acquisition du Langage*, Delachaux & Niestlé, Éditeurs Neuchâtel, Paris, (s.e.), 1983.

- AZEVEDO, Milton J., **Passive Sentences in English and Portuguese**, Georgetown University Press, Washington, (s.e.), 1973.
- BALDIE, Brian J., "The Acquisition of the Passive Voice", **Jornal of Child Language**, 3, pág.221-348, 1976.
- BEAUGRANDE, Robert de, "Les contraintes générales qui affectent les processus de compréhension du langage", **Bulletin de Psychologie**, tome XXXV, n° 356, pág.538-693, 1981/82.
- BRONCKART, J. P., **Théories du Langage - une introduction critique**, Pierre Mardaga Editeur, Bruxelles, 2ª edição, 1977.
- BRONCKART, J.P., BESSON, M.J., **Acquisition du Lngage et Pédagogie de la Langue**, (cahier n° 5), Université de Genevè - Faculté de Psychologie et des Sciences de l'éducation, 2ª edição, 1981.
- BRONCKART, J.P, GENNARI, M.; WECK de G., "La compréhension des phrases simples: la perspective représentative et la perspective communicative" (tradução do **International Journal of Psycholinguistics**), 1981.
- BRONCKART, J. Paul; KAIL, Michèle; NOIZET, Georges, **Psycholinguistique de l'Enfant - Recherches sur l'Acquisition du Langage**, Delachaux & Niestlé, Éditeurs Neuchâtel, Paris (s.e.), 1983.
- BRONCKART, J.P., "La compréhension des structures à fonction casuelle", in BRONCKART, J.P.; KAIL, M.; NOIZET, G. (org.), **Psycholinguistique de l'Enfant - Recherches sur l'Acquisition du Langage**, Delachaux & Niestlé, Éditeurs Neuchâtel, Paris, (s.e.), 1983.
- CASTELEIRO, J.M., "A Língua e a sua Estrutura", **Revista Escola Democrática**, n°30, pág. 2-11, 1980.
- CHIPMAN, H.M GERARD, J.; "Stratégies de traitement de l'anaphore", in BRONCKART, J.P.; KAIL, M.; NOIZET, G. (Org.), **Psycholinguistique de l'Enfant - Recherches sur l'Acquisition du Langage**, Delachaux & Niestlé, Éditeurs Neuchâtel, Paris, (s.e.), 1983.
- CRISTAL, David, **Linguistics**, Harmondsworth Penguin Books (tradução portuguesa) Dom Quixote, Lisboa, 1973.
- CUNHA, C.e CINTRA, Lindley, **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, Ed. João Sá da Costa, Lisboa, 6ª edição, 1989.
- DUBOIS, Charlier; FRANÇOISE e LEMAN Danielle, **Bases de Análise Linguística**, Almedina, Coimbra, 1976.
- ELLIOT, A.J., **A Linguagem da Criança**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, (s.e.), 1981.
- GLEASON, JR., **Introdução à Linguística Descritiva**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª edição, 1981.
- HUPET, Michèle, "Des conditions d'usage des structures à fonction casuelle", in BRONCKART, J. P.; KAIL, M.; NOIZET, G. (Org.), **Psycholinguistique de l'Enfants - Recherches sur l'Acquisition du Langage**,

- Delachaux & Niestlé, Éditeurs Neuchâtel, Paris, (s.e.), 1983.
- HURTIG, Rondal, "Communication et langage", in **Textos de Apoio à Psicologia da Linguagem** (Org.), Caderno nº 1, 1985-87, (s/d.).
- INHELDER, B.; SINCLAIR, H.; BOVET, M., **Apprentissage et Structures de la Connaissance**, Paris, P.U.F., 1974.
- KAIL, Michèle, "La coréférence des pronoms: pertinence de la stratégie des fonctions parallèles", in BRONCKART, J.P.; KAIL, M.; NOIZET, G. (Org.), **Psycholinguistique de l'Enfant - Recherches sur l'Acquisition du Langage**, Delachaux & Niestlé, Éditeurs Neuchâtel, Paris, (s.e.), 1983.
- KAIL, Michèle, "Validité et coût des indices linguistiques dans la compréhension des phrases. Recherches interlangues sur l'acquisition", **Bulletin de Psychologie**, tome XXXIX, nº 375, pág. 387-396, 1985-86.
- KUHN, Deanne, "L'étude des changements spontanés dans le raisonnement de l'adolescent par une méthode d'observation", **Bulletin de Psychologie**, tome XXXIII, nº 345, pág. 649-656, 1979-80.
- LANGACKER, Ronald, W., **A Linguagem e a sua Estrutura**, Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1972.
- LAROUSSE DE LA LANGUE FRANÇAISE, **Librairie Larousse**, Paris, 1979.
- LOPES, P.V., **Língua Portuguesa - Elementos de Linguística**, Lello & Irmão Editores, Porto, (s.e.), 1979.
- LEPSYCHY, GIULIO, C., **A Linguística Estrutural**, Editora Perspectiva, S. Paulo, 2ª edição, 1975.
- MATEUS, M.H.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.; FARIA, I., **Hub, Gramática da Língua Portuguesa**, Lisboa, Caminho, 2ª edição, 1989.
- MATTA, Isabel; RAMOS, D., "O problema da inclusão de classes - A influência de alguns factores linguísticos", **Análise Psicológica**, nº 4, (V), pág. 561-576, 1987.
- MUSSEN; CONGER; KAGAN, **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**, Ed. Harper ROW do Brasil Lda, 4ª edição, 1979.
- NOIZET, G.; VION, Monique, "Les stratégies de compréhension dans le traitement des relations fonctionnelles de base", in BRONCKART, J.P.; KAIL, M.; NOIZET, G. (Org.), **La Psycholinguistique de l'enfant recherches sur l'acquisition du langage**, Delachaux, Niestlé, Éditeurs Neuchâtel, Paris, (s.e.), 1983.
- OLIVEIRA, M.E.M., **Sintaxe des Verbes Psychologiques du Portugais**, Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1984.
- RUWET, Nicolas, **Introdução à Gramática Generativa**, Editora Perspectiva, S. Paulo, (s.e.), 1975.
- SEQUEIRA, F.; SIM-SIM, I., **Maturidade Linguística e Aprendizagem da Leitura**, Universidade do Minho, Instituto de Educação, vol.1, 1989.

**HÁ MEIO SÉCULO**

**1941 - 1991**



**A LIVRARIA PORTUGAL**

**NA RUA DO CARMO, 70      1 200 LISBOA**

**INICIOU A SUA ACTIVIDADE  
COM UM PROPÓSITO BEM DEFINIDO  
E QUE MANTÉM:**

**SERVIR O LIVRO  
E O LEITOR**